

# A “seção romana” da *Alexandra*, de Lícofron (vv. 1226-1282)<sup>1</sup>

Rafael Brunhara

“No imo firme persegue enigmas desditosos  
Desenreda as veredas qual sabida trilha,  
Guia através das trevas a estrada correta”.

Lícofron, *Alexandra*, vv. 10-12

**Resumo:** *A “seção romana” do poema Alexandra, de Lícofron, é uma passagem de 56 versos em que a profetiza prevê um futuro grandioso para os descendentes e, ao contrário, um funesto porvir aos próprios aqueus. A passagem é tão conveniente à perspectiva da Eneida, que há quem creia tratar-se de interpolação, entre outros motivos pelo fato de ser a primeira intersecção entre o mito de Eneias e o de Rômulo e Remo. A tradução dos trímetros jâmbicos foi feita em dodecassílabos acentuados na sexta sílaba, mantendo-se anacolutos, hipérbatos, cavalgamentos, que produzem a já notória estranheza da sintaxe do poema. Procuro manter por compensação as recorrências sonoras e a logopeia.*

**Palavras-Chave:** *Lícofron, Alexandra; “seção romana”; tradução poética; poesia pré-helenística.*

## Introdução

A *Suda*<sup>2</sup>, enciclopédia do período bizantino, diz a respeito do poeta helenístico Lícofron:

---

1 Agradeço a João Angelo Oliva Neto pela sugestão de traduzir a passagem, e a José Carlos Baracat Júnior, Leonardo Antunes e Tadeu Andrade, por comentarem versões prévias deste artigo.

2 Edição de Adler, III; Berlin: Teubner (1933).

...Χαλκιδεὺς ἀπὸ Εὐβοίας, υἱὸς Σωκλέους, θέσει δὲ Λύκου τοῦ Ῥηγίνου· γραμματικὸς καὶ ποιητὴς τραγωδιῶν. ἔστι γοῦν εἷς τῶν ἑπτὰ οἵτινες Πλειὰς ὠνομάσθησαν. εἰσὶ δὲ αἱ τραγωδίαὶ αὐτοῦ Αἰόλος, Ἀνδρομέδα, Ἀλήτης, Αἰολίδης, Ἐλεφήνωρ, Ἡρακλῆς, Ἴκέται, Ἴππόλυτος, Κασσανδρεῖς, Λάϊος, Μαραθῶνιοι, Ναύπλιος, Οἰδίπους α΄, β΄, Ὀρφανός, Πενθεύς, Πελοπίδαι, Σύμμαχοι, Τηλέγονος, Χρύσιππος. διασκευὴ δ’ ἐστὶν ἐκ τούτων ὁ Ναύπλιος. ἔγραψε καὶ τὴν καλουμένην Ἀλεξάνδραν, τὸ σκοτεινὸν ποίημα.

... Natural de Cálcis, na Eubeia, filho de Sócles, mas, por adoção, de Lico de Régio. Gramático e poeta trágico. É, assim, um dos sete poetas que foram denominados como a “Plêiade”. São suas as tragédias *Éolo*, *Andrômeda*, *Aletes*, *Eólida*, *Elefênor*, *Héracles*, *Suplicantes*, *Hipólito*, *Os filhos de Cassandra*, *Laio*, *Maratônios*, *Náuplio*, *Édipo I e II*, *Órfão*, *Penteu*, *Pelópidas*, *Aliados*, *Telegono*, *Crisípo*. Dessas, *Náuplio* é uma versão reelaborada. Compôs também a assim chamada *Alexandra*, o poema obscuro.

Das peças acima elencadas, só nos restaram os títulos e apenas um fragmento. Sua única obra integral supérstite é justamente a *Alexandra*, aquela que a *Suda* registra como “o poema obscuro” (*tò skoteinòn poíema*), refletindo uma opinião já compartilhada na Antiguidade por autores como Luciano de Samósata<sup>3</sup> e Estácio<sup>4</sup>.

A obscuridade se deve, sobretudo, ao estilo empregado pelo poeta, paucado pela sintaxe difícil, emprego de adjetivos e epítetos pouco habituais para se referir a personagens da tradição mítica e muitos vocábulos raros, que ocorrem no poema pela primeira ou única vez e frequentemente com sentido pouco usual. Não é admirável que a conjunção de todos esses elementos tornasse a *Alexandra* um poema difícil mesmo para os seus contemporâneos.

O poema é um extenso monólogo composto em 1474 trímetros jâmbicos, no qual um mensageiro informa ao rei Príamo as profecias de Alexandra (isto é, Cassandra, sacerdotisa de Apolo, filha de Príamo). Na primeira parte, logo após o prólogo do mensageiro (vv. 1-30), a profecia versa sobre a destruição de Troia e destino ulterior dos chefes gregos e troianos sobreviventes (vv. 31-1282). Em seguida, o poema expande-se na segunda parte, que apresenta uma história mais ou menos linear dos conflitos entre Oriente e Ocidente (vv.1283-1460), até concluir com uma fala do mensageiro (vv. 1461-1474) como que emoldurando o discurso de Cassandra.

3 *Lexiphanes* 25: “E quanto à tua prosa, poderíamos compará-la a versos como os do “Altar” de Dosiadas, ou da *Alexandra* de Lícophon, ou a expressões ainda mais infelizes do que essas, se é que existem”. Dosiadas de Creta é autor de um dos cinco poemas figurados da Antologia Palatina (15.26): a disposição dos versos imita a figura do objeto (no caso, um altar) do qual os próprios versos enigmaticamente tratam: são obscuros porque procuram desafiar quem os ouve a adivinhar qual é a figura, ao passo que quem os lê e os vê tem a solução do enigma.

4 *Silvae*, 5.3.157: *latebras Lycophroni atri*, “recessos do escuro Lícophon”.

É interessante notar que ambas as partes da profecia se encerram com alusões a futuras conquistas empreendidas pelos romanos, alusões essas que têm perturbado uma série de estudiosos quanto à datação do poema<sup>5</sup> ou da autoria das passagens em questão. Oferecemos aqui uma proposta de tradução para um desses trechos, os versos 1226-1282.

### Critérios da tradução

Lícofron utiliza no poema o trímetro jâmbico, metro típico na tragédia, com um rigor notável: seus versos pouco recorrem à chamada “resolução”, isto é, a troca de uma sílaba longa por duas breves, e raramente ultrapassam doze sílabas. Optamos por traduzir a passagem em versos dodecassílabos sempre com acento na sexta sílaba, na tentativa de imitar em língua portuguesa a mesma rigidez que o poeta demonstra em língua grega.

Não buscamos amenizar a estranheza sintática do original, propiciada por anacolutos, hipérbatos, cavalgamentos e pelo alongamento da frase por meio do acréscimo de orações relativas, participais ou apositivas, que prejudicam a linearidade da sentença.

Julgamos também fundamental manter alguns efeitos e jogos de palavra empreendidos pelo poeta. Vale citar como exemplo a passagem na qual Lícofron parece se referir obliquamente a Roma (vv.1233-1234), utilizando a palavra grega *ῥώμη* (*rhôme*, “força física”, “pujança”, ou “poderio militar”):

σκύμνους λέοντας, ἔξοχον ῥώμη γένος,  
ὁ Καστνίας τε τῆς τε Χειράδος γόνος,

que em tradução literal poderíamos verter como:

leões filhotes, raça proeminente pela força física [*rhôme*],  
a prole de Cástnia, a Quírade

Tentei manter a alusão, porém mediante recurso gráfico, traduzindo a passagem da seguinte maneira:

5 Ver, por exemplo, West (1984), Erskine (2003) e Lambin (2005).

leões filhotes, ramo de preclARO MAndo,  
de Quírade, a Cástnia, prole pujante

Da passagem acima também podemos notar outro expediente comum<sup>6</sup> na *Alexandra*: no final do verso 1234, a palavra γόνος (*gónos*, “prole”) ecoa a sonoridade de γένος (*génos*, “raça”), do verso anterior. Tentamos manter o jogo sonoro por meio da repetição das consoantes *pr* em mesma posição métrica: “preclaro” no verso 1233; “prole” no verso 1234.

O uso de vocabulário solene ou pouco conhecido também é marca singular do poeta, que tentamos seguir sempre que possível. Cabe aqui o exemplo notável do verso 1280, referindo-se à habitação da Sibila:

γρόνω βερέθρω συγκατηρεφές στέγης  
(*grónoi beréthroi synkaterephès stéges*)

...por báratros

Cavernosos do teto muito recoberta.

O verso demonstra exemplarmente toda a densidade e vigor vocabular do poeta helenístico. Para descrever a caverna da Sibila, Lícofron utiliza apenas quatro vocábulos, todos eles raros: γρόνω (*grónoi*), palavra que significa “cavernoso”, “recesso”, e ocorre somente em Lícofron com essa grafia (a mais comum é γρῶνος, *grónos*); βερέθρω (*beréthroi*), dativo da forma jônica de βάρατρον (*báratron*, “golfo”, “abismo”); e συγκατηρεφές (*synkaterephès*), palavra rara que ocorre unicamente neste verso em toda a literatura grega supérstite.

## A “seção romana”

Caso se tome como certa a hipótese de que a passagem aqui traduzida fora composta por um poeta chamado Lícofron, atuante na época de Ptolomeu Filadelfo (285–247 a.C.), o que ainda é objeto de debate<sup>7</sup>, teremos um dos momentos mais surpreendentes de todo o poema, que pode também lançar luz na

6 Ver, por exemplo, vv. 419-420, que faz um jogo de palavras entre πέλας (*pélas*, “perto”) e λέπας (*lépas*, “penhasco”) de maneira similar ao exemplo exposto acima.

7 Erskine (2003) sugere a existência de dois poetas chamados Lícofron. West (1984) supõe que a seção romana seja interpolação.

história da literatura latina, uma vez que nos é apresentada aqui, pela primeira vez, uma intersecção do mito de Eneias com o dos fundadores de Roma, os gêmeos Rômulo e Remo, aludidos como “leões filhotes” (σκύμνους λέοντας, *skýmnoús léontas*, v. 1233).

A passagem se insere logo após o relato dos eventos que acontecerão a gregos e troianos após a guerra. Nele, Alexandra garante que o assentamento fundado por Eneias e seus descendentes na Itália será responsável por restaurar a glória perdida de Troia (vv. 1226-1231).

Em seguida, passa a relatar paragens visitadas pelo herói: primeiro, habitará a região do Recelo, na Macedônia (vv. 1236-1239), para em seguida partir para a Itália, às regiões margeadas pelo Tirreno e rio Ligeu (vv. 1239-1240), onde terá como aliados Odisseu, o “Anão” (vv. 1242-1244), e os filhos de Télefo, Tirreno e Tárcon (vv. 1242-1247). Ao chegar à Itália, verá realizada a primeira de suas profecias (vv. 1250-1252) ao encontrar a mesa repleta de alimentos, que será devorada por ele e os companheiros. Por causa dessa profecia, ocupará uma região antes habitada pelos primitivos povos do norte (vv. 1253-1254).

Depois, cumprindo outra profecia, que lhe instruíra contar as crias de uma porca negra que trazia desde Troia e erguer igual número de torres na região onde ela parira (vv. 1255-1258), erguerá trinta cidades, das quais a principal é Lavínio, onde erguerá de bronze uma estátua da porca e da cria (vv. 1259-1260).

Antes, porém, fundará um templo para Atena e lá dedicará as efígies dos Penates (vv. 1261-1262), que envolvera no manto durante a tomada de Troia pelos gregos e que lhe foram mais importantes que a esposa, filhos e todas as riquezas (vv. 1263-1267). Esse fato o fez ser considerado o mais pio até mesmo pelos inimigos, que lhe deram a oportunidade de pegar um único bem e levá-lo de seu palácio (vv. 1268-1271).

Graças a Eneias, será fundada a nação romana, limitada pelo monte Circeu, o ancoradouro de Eetes, o Lago de Fórcis, a fonte Titônia e a região onde vive a abominável Sibila, consagrada a Apolo, o Zostério (vv. 1279-1280).

A seção romana termina com uma imprecisão de Cassandra (vv. 1281-1282), que, embora pareça conclusão inapropriada para os versos anteriores, encerra não somente a seção, mas também toda a narrativa que descreve o retorno malogrado e as aflições dos aqueus após a guerra de Troia (vv. 361-1089; 1090-1125 e 1214-1225).

Segundo McNellis e Sens (2011, p. 80), talvez a passagem tenha servido de lente, ou de principal modelo, para a interpretação que Virgílio deu aos versos 302-308 da *Ilíada*, que já asseguravam a continuação da descendência de Eneias como rei de Troia e pai de uma linhagem que continuaria indefinidamente no tempo.



**Texto da “seção romana” (vv. 1226-1282) da *Alexandra*, de Lícophon**

γένους δὲ πάππων τῶν ἐμῶν αὖθις κλέος μέγιστον αὐξήσουσιν ἄμναμοί ποτε αἰχμαῖς τὸ πρωτόλειον ἄραντες στέφος, γῆς καὶ θαλάσσης σκῆπτρα καὶ μοναρχίαν λαβόντες. οὐδ’ ἄμνηστον, ἀθλία πατρίς,	1230
κῦδος μαρανθὲν ἐγκατακρύψεις ζόφω. τοιούσδ’ ἐμός τις σύγγονος λείπει διπλοῦς σκύμνους λέοντας, ἔξοχον ῥώμη γένος, ὁ Καστνίας τε τῆς τε Χειράδος γόνος, βουλαῖς ἄριστος οὐδ’ ὄνοστὸς ἐν μάχαις.	1235
ὄς πρῶτα μὲν Ῥαίκηλον οἰκήσει μολῶν Κισσοῦ παρ’ αἰπὺν πρῶνα καὶ Λαφυστίας κερασφόρους γυναικας. ἐκ δ’ Ἀλμωπίας παλιμπλανήτην δέξεται Τυρσηνία Λιγγεύς τε θερμῶν ρεῖθρον ἐκβράσσω ποτῶν,	1240
καὶ Πῖσ’ Ἀγύλλης θ’ αἰ πολύρρηνοι νάπαι. σὺν δέ σφι μίξει φίλιον ἐχθρὸς ὦν στρατόν, ὄρκους κρατήσας καὶ λιταῖς γουνασμάτων νάνος, πλάναισι πάντ’ ἐρευνήσας μυχὸν άλός τε καὶ γῆς. σὺν δὲ δίπτυχοι τόκοι	1245
Μυσῶν ἄνακτος, οὗ ποτ’ Οἰκουρὸς δόρυ γνάμψει Θεοῖνος γυῖα συνδήσας λύγοις, Τάρχων τε καὶ Τυρσηνός, αἰθωνες λύκοι, τῶν Ἡρακλείων ἐγγεγῶτες αἱμάτων. ἔνθα τράπεζαν εἰδάτων πλήρη κιχῶν,	1250
τὴν ὕστερον βρωθεῖσαν ἐξ ὀπαόνων, μνήμην παλαιῶν λήψεται θεσπισμάτων. κτίσει δὲ χώραν ἐν τόποις Βορειγόνων ὑπὲρ Λατίνους Δαυνίους τ’ ὤκισμένην, πύργους τριάκοντ’ ἐξαριθμήσας γονὰς	1255

συὸς κελαινῆς, ἦν ἀπ' Ἰδαίων λόφων  
 καὶ Δαρδανείων ἐκ τόπων ναυσθλώσεται,  
 ἰσηρίθμων θρέπτειραν ἐν τόκοις κάπρων·  
 ἦς καὶ πόλει δείκηλον ἀνθήσει μιᾶ  
 χαλκῷ τυπώσας καὶ τέκνων γλαγοτρόφων. 1260

δείμας δὲ σηκὸν Μυνδία Παλληνίδι  
 πατρῷ' ἀγάματ' ἐγκατοικεῖ θεῶν.  
 ἂ δῆ, παρώσας καὶ δάμαρτα καὶ τέκνα  
 καὶ κτῆσιν ἄλλην ὀμπνίαν κειμηλίων,  
 σὺν τῷ γεραιῷ πατρὶ πρεσβειώσεται, 1265

πέπλοις περισχών, ἦμος αἰχμηταὶ κύνες,  
 τὰ πάντα πάτρας συλλαφύξαντες πάλω,  
 τούτῳ μόνῳ πόρωσιν αἴρεσιν, δόμων  
 λαβεῖν ὃ χρήζει κάπενέγκασθαι δάνος.  
 τῷ καὶ παρ' ἐχθροῖς εὐσεβέστατος κριθεῖς 1270

τὴν πλεῖστον ὑμνηθεῖσαν ἐν χάρμαις πάτραν  
 ἐν ὀπιτέκνοις ὀλβίαν δωμήσεται,  
 τύρσιν μακεδνὰς ἀμφὶ Κιρκαίου νάπας  
 Ἀργοῦς τε κλεινὸν ὄρμον Αἰήτην μέγαν  
 λίμνης τε Φόρκης Μαρσιωνίδος ποτὰ 1275

Τιτώνιον τε χεῦμα, τοῦ κατὰ χθονὸς  
 δύνοντος εἰς ἄφαντα κευθμῶνος βάθη,  
 Ζωστηρίου τε κλιτύν, ἔνθα παρθένου  
 στυγνὸν Σιβύλλης ἐστὶν οἰκητήριον,  
 γρόνῳ βερέθρῳ συγκατηρεφὲς στέγης. 1280

τοσαῦτα μὲν δύσκλητα πείσονται κακὰ  
 οἱ τὴν ἐμὴν μέλλοντες αἰστώσειν πάτραν

### Tradução<sup>8</sup> da “seção romana” (vv. 1226-1282) da *Alexandra*, de Lícofron

E então dos meus avós o renome da raça  
 um dia os descendentes alçarão ao máximo;  
 nas lanças levarão lauréis – suas primícias,

8 A tradução segue a edição de A. W. Mair (1921).

e da terra e do mar, cetro e supremacia  
 tomarão. Triste pátria, deslembada e extinta, 1230  
 tu não encobrirás tua glória nas trevas!  
 Tal dupla deixará um conterrâneo meu<sup>9</sup>,  
 leões filhotes<sup>10</sup>, ramo de preclaro mando,  
 de Quírade<sup>11</sup>, a Cástnia<sup>12</sup>, prole pujante  
 em conselho o melhor e não vil em combate. 1235  
 Primeiro ele virá a habitar o Recelo<sup>13</sup>,  
 perto do promontório íngreme de Cisso  
 e corníferas fêmeas Lafístias<sup>14</sup>; depois,  
 desde Almópia<sup>15</sup> vagando o acolherão Tirreno  
 e Lingeu<sup>16</sup>, rio que lança cálidas poções, 1240

9 Refere-se a Eneias, filho de Anquises, que por sua vez é bisneto de Trôs, o herói epônimo de Troia. Príamo, pai de Cassandra, é também bisneto de Trôs, o que faria de Eneias e Cassandra primos distantes; ver Apolodoro, *Biblioteca*, 3. 12.2 ss.

10 Rômulo e Remo.

11 A Quírade (Χειράδος *Kheirados*) é Afrodite, mãe de Eneias. mas o epíteto é de origem obscura, nome talvez associado a χείρ (*keír*, “mão”). O escoliasta (*Schol. in Lycophr.* 1234) explica o epíteto associando-o ao verbo χειρώ (*cheiráo*, “dominar”): segundo ele, Afrodite é “Quírade” por ser a deusa que “domina por meio do desejo” (χειροῦσθαι διὰ τῆς ἐπιθυμίας). Em sua edição (2008, p. 71), Hurst adota Ταχειράδος (*Takheirados*), entendendo o epíteto como composto de ταχύς (*takhys*, “rápido”) e εἰράδος (*eirados*, particípio do verbo εἶρω, *éiro*, “entrelaçar”), do qual uma tradução possível seria “a de rápido enlace”.

12 Cástnia porque Afrodite era venerada no monte Cástnion, região perto de Aspendo, colônia da Argólida, segundo Dioniso Periegeta, *Descrição do Mundo*, 5.852: Ἄσπενδον, ποταμοῖο παρὰ ῥόον Εὐρυμέδοντος, ἔνθα συοκτονίησι Διωναίην ἰλάονται, “Aspendo, às margens do rio Eurimedonte, onde com o sacrifício de porcos se propicia a filha de Dione”.

Calímaco também chama a deusa por este epíteto em um dos fragmentos jâmbicos (200a 1-2 Pfeiffer): Τὰς Ἀφροδίτας – ἢ θεὸς γὰρ οὐ μία – / ἢ Καστινήτις τῶ φρονεῖν ὑπερφέρει πάσας, “As Afrodites – pois não é uma só a Deusa – / a Cástnia que no pensar excele a todas”.

13 Recelo (Ραίκελος, *Ráikelos*): cidade situada próxima do Golfo Termaico (ver Aristóteles, *Constituição dos Atenienses*, 15.2.3) ou do Golfo Salônico, na Macedônia, ao norte da península calcídica.

14 Na região do monte Cisso prestava-se culto a Dioniso. Lafístias pode se referir ao monte Lafístio, na Beócia, mas também a um epíteto de Dioniso. As sacerdotisas de Dioniso aqui referidas compartilham com seu deus patrono tanto o epíteto, que poderia ser traduzido por “Voraz” ou “Devorador”, como o adjetivo “Cornífero”, uma vez que Dioniso é o Deus de chifres.

15 Novamente referindo-se à Macedônia.

16 O rio Lingeu, Ligure, ou como é mais conhecido, Arno. A lição λιγγεύς (*lingéus*), que adotamos para a tradução, é a mais aceita. No entanto, Lambin (2005, p. 176) julga-a improvável e corrige para λιγκεύς (*linkéus*), homônimo do herói que participa da expedição dos Argonautas. Acerca das águas quentes deste rio, ver Plínio, o Velho, *História Natural*, 2.227.



e Pisa e vales ricos em rebanhos de Ágila<sup>17</sup>.  
 A ele unirá tropa amiga o antes hostil,  
 pós vencê-lo com juras e preces e súplicas,  
 o Anão<sup>18</sup>, que cada canto em errância explorou  
 do salso mar e terra, e também os dois filhos 1245  
 do rei dos Mísios<sup>19</sup> – cuja lança um dia o Vígil<sup>20</sup>  
 Vinho-Deus dobrará, membros presos com vime<sup>21</sup>, –  
 árdegos lobos Tárcon<sup>22</sup> e Tirreno<sup>23</sup>, natos  
 do sangue de Heraclidas<sup>24</sup>. Lá<sup>25</sup> encontrarão  
 repleta de alimentos a mesa, que logo 1250  
 devorada por seus companheiros trará  
 lembrança de proféticas palavras prístinas<sup>26</sup>:

17 Pisa e Ágila são cidades na região da Itália. Os agilenses já são mencionados por Heródoto, *Histórias*, 1.167.

18 O Anão é provavelmente Odisseu (talvez uma referência à sua baixa estatura, já mencionada na *Iliada*, 3.193), que antes fora hostil a Eneias em Troia, mas agora une seu exército ao dele. Lícofron parece pautar-se aqui em uma versão alternativa em que Odisseu está junto de Eneias na fundação de Roma. A versão é referida por Dionísio de Halicarnasso, *Antiguidades Romanas*, 1.72, mas é também mencionada em fragmentos da obra *Sacerdotisas de Hera em Argos*, de Helânico de Lesbos (*FGRHist* 4 F 84 Jacoby) e ratificada pelo historiógrafo Damastes de Sigeu (*FGRHist* 5 F 3). Para detalhes, ver Solmsen, 1986, p. 93-110. No entanto, ao chamar Odisseu de “anão” (νάνος, *nános*), Lícofron faz um jogo de palavras que evoca além de Odisseu, a figura do herói Nano, rei mítico dos Pelasgos (ver Heródoto, *Histórias*, 1.57), que teria liderado a incursão de seu povo na região do Tirreno e cuja lenda havia se assimilado a de Odisseu (ver Lambin, 2005, p. 179).

19 Télefo era o rei dos Mísios.

20 Οἰκουρός (*oikourós*), epíteto de Dioniso: “Guardião da casa”, i.é., “Vígil”.

21 Quando os gregos, em meio à sua expedição para Troia, se aproximaram da Mísia, Télefo os enfrentou e quase os teria repellido, se Dioniso não tivesse auxiliado os gregos, prendendo os pés do rei mísiu com vinha e deixando-o vulnerável ao ataque de Aquiles; ver Píndaro, *Ístmica*, 8.48-50.

22 Sobre Tárcon, ver Virgílio, *Eneida*, 8.503-505 e 8.603-607. Segundo Estrabão (*Geografia*, 5.2) é o herói fundador da cidade de Tarquínia.

23 Herói epônimo dos Tirrênios, i.é., dos etruscos.

24 Télefo é filho de Hércules; por isso, Tárcon e Tirreno, seus filhos, são “natos de sangue dos Heraclidas”.

25 Na Itália.

26 Virgílio, *Eneida*, 3.250-257, traz a profecia, contada por uma Harpia: “Ouvi, então, o que tenho a dizer-vos, sem nada ocultar-vos. / Tudo o que Apolo aprendeu com o mais forte dos deuses, e logo / me revelou, eu, das Fúrias a mais poderosa, vos conto. / Vossos anseios à Itália vos levam. Com prósperos ventos / heis de alcançar por sem dúvida a Itália e adentrar os seus portos. / Mas, antes mesmo de vossa cidade querida dos deuses / de altos muros cingirdes, haveis de sofrer dura fome / por este crime: forçados sereis a roer até as mesas”, recordada por Eneias em 7.122-127: “Eis nossa pátria, a morada. Meu

fundará um país na terra dos Borígonos<sup>27</sup>  
situado p’ra além dos Latinos e Dâunios<sup>28</sup>  
e trinta torres<sup>29</sup>, pós contar de negra sus<sup>30</sup> 1255  
a prole; no navio ele a conduzirá  
desde cimos do Ida e das terras dardânias,  
nutriz de equivalentes javalis filhotes;  
consagrará em uma só cidade<sup>31</sup> imagem  
brônzea dela e também de sua prole lactente 1260  
depois de erguer um templo p’ra Míndia Palênide<sup>32</sup>  
assentará efigies de seus deuses pátrios,  
sim, por eles deixou esposa e filhos, mais  
as suas ricas posses, para venerá-los  
com o pai ancião, envolvendo-os em mantos 1265  
no momento em que os cães lanceiros<sup>33</sup> no sorteio  
devoram os bens todos da pátria. Somente  
para ele deram esta escolha: de seu paço  
pegar o que quiser e levar como dádiva<sup>34</sup>;

---

pai – neste instante me lembra – / me revelou os arcanos do incerto Destino, faz tempo:/ ‘Quando, meu filho, jogado em paragens ignotas de todos, / já consumidos os parques manjares, te vires forçado / a devorar até as mesas... Então, sim: acharás um asilo / para esses membros; assenta o arraial, de trincheiras o cerca’’. (Tradução de Carlos Alberto Nunes).

27 Os “nascidos de Bóreas”, βορέας (*Boréas*) + γόνος (*gónos*), “povo boreal”, do norte. Refere-se provavelmente aos Ligurinos, no norte da Itália.

28 Supõe-se que os dâunios fossem os samnitas.

29 Por “trinta torres” Lícifron alude às cidades do Lácio, assinaladas por Plínio, o Velho, *História Natural*, 3.69, da qual Lavínio é a principal.

30 “pós contar de negra sus/ a prole”: trata-se de outra profecia da *Eneida*, 3.387-391: “Quando apreensivo estiveres nas margens de um rio sem nome, / e deparares deitada na sombra de bela azinheira / uma alva porca com trinta leitões ao seu lado, da mesma / cor da mãe branca, deitados no chão a mamar com sossego: / esse será o local da cidade, o descanso almejado”; (tradução de Carlos Alberto Nunes). Por motivos desconhecidos, porém, Lícifron, altera a cor do animal: não mais branco, mas κελáινη (*keláine*, “negra”).

31 Lavínio.

32 “Míndia Palênide”: trata-se de Atena, chamada “Míndia” também no v. 950. “Palênide” vem de Palene, nome de um demo entre Atenas e Maratona, onde Atena era cultuada; ver Heródoto, *Histórias*, 1.62.

33 Os gregos.

34 Dada a Eneias a oportunidade de levar do palácio apenas um de seus bens, o herói escolhe os Penates, envolvendo-os no manto. Por esse motivo, passa a ser considerado até pelos inimigos como o homem mais pio (εὐσεβέστατος, *eusebéstatos*).

por isso até por seus inimigos julgado 1270  
 o mais pio, venturosa pátria no ardor bélico  
 entre os pósteros mais hineada erguerá,  
 fortaleza cercada de elevados vales  
 de Circeu e Eetes<sup>35</sup> – ínclito amplo ancoradouro  
 da Argo –, águas do lago de Marsênio Fórcis<sup>36</sup>, 1275  
 e correntes Titônias<sup>37</sup>, que abaixo da terra  
 mergulham em abismos invisos, e costas  
 de Zostério<sup>38</sup>, no ponto em que é da virginal  
 Sibila a abominável morada, por báratros  
 cavernosos do teto muito recoberta. 1280  
 Que males sofrerão, difíceis de aguentar,  
 aqueles que estão para destruir-me a pátria!

## Referências

- ERSKINE, A. *Troy between Greece and Rome: Local Tradition and Imperial Power*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- HURST, A. KOLDE, A. *Lycophron, Alexandra*, texte établi, traduit et annoté par A. H. en collaboration avec A. K. Paris: Les Belles Lettres, 2008.
- LAMBIN, G. *L' Alexandra de Lycophron*, étude et traduction de Gérard Lambin. Rennes: Presses Universitaires de Rennes. 2005.
- MAIR, A. W. *Callimachus, Hymns and Epigram; Lycophron and Aratus*. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 1921.
- MCNELIS, C. SENS, A. “Trojan Glory: Kleos and the Survival of Troy in Lycophron’s *Alexandra*”. In: *Trends in Classics* 3, 2011. pp. 54-82.
- SOLMSEN, F. “Aeneas Founded Rome with Odysseus”. In: *Harvard Studies in Classical Philology* 90, 1986. pp. 93-110.

35 O poeta relaciona lendas gregas à toponímia do Lácio: o monte Circeu associa-se à célebre feiticeira da *Odisséia*, ao passo que o nome do porto de Eetes ecoa o nome do rei da Cólquida, pai de Medeia.

36 O Lago Fórcis, homônimo da divindade marinha, talvez seja o mesmo lago mencionado por Estrabão com o nome de Fucino (λίμνη Φουκίνη, *Geografia*, 3.13). Estava situado no território dos Marsos; daí, “Marsênio”.

37 A fonte Titônia, ou Pitônia. Trata-se de uma fonte que surgia na terra dos Pelignos e parecia desaparecer em seu curso, “mergulhando em abismos invisos”, para ser visível novamente na região de Tívoli.

38 O Zostério é Apolo, cultuado com esse nome no cabo Zóster, na Ática.

VIRGÍLIO. *Eneida*, edição bilíngue, tradução de Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34 (1ª edição).

WEST, S. “Lycophron Italicised”. In: *Journal of Hellenic Studies* 104, 1986. pp. 127-151.